

Capítulo XI

Sistema Ritual: Os Ritos de Iniciação

1 – Introdução

Entre os índios ramcocamecrás a iniciação ocorria de dez em dez anos. Os jovens que perfaziam juntos o ciclo constituíam uma classe de idade. Para os craôs a iniciação não parece ocorrer do mesmo modo. O jovem não participa apenas dos ritos de iniciação que se realizam dentro de um período de dez anos, mas de todos os que ocorrem desde seu nascimento até o nascimento de seu primeiro filho. Os ritos de iniciação craôs, por conseguinte, não marcam a entrada nas classes de idade, mas a passagem por um determinado período de vida.

Entre os índios craôs três são os ritos que podem ser classificados como de iniciação: a) o *Ikhéré*, já desaparecido, e que corresponde ao *Pepyé* dos ramcocamecrás; b) o *Pembkahék*, que apresenta três modalidades; e c) o *Khetwaye*, que apresenta duas modalidades. Só nos foi possível presenciar a realização da parte final de uma modalidade de *Pembkahék*. Os demais ritos só os conhecemos indiretamente por informações. Sobre o primeiro deles os índios pouco sabem informar, visto não o realizarem mais há muito tempo. Faremos aqui uma breve descrição de cada um.

2 – *Ikhéré*

Os craôs não mais realizam este rito. Um informante da aldeia do Posto, José Aurélio, assegurou ter sido um dos que ficaram em reclusão no último *Ikhéré*. Após a realização deste ritual, os jovens reclusos foram distribuídos em duas classes de idade: na *Pro?tikham* ficaram os mais velhos; na *Kupakham*, os mais jovens. Dos homens citados como distribuídos nessas classes de idade, dentre os que chegamos a conhecer, todos parecem ultrapassar os quarenta anos de idade. Como o informante afirmou que na época da realização do ritual tinha idade equivalente a um certo rapaz que aparentava 15 anos, podemos calcular que o último *Ikhéré* da aldeia teria ocorrido há uns 25 anos pelo menos. Promoveram o rito os já falecidos Ambrósio, Vicente Magro e Raimundinho. No tempo do chefe Balbino, segundo o mesmo informante, realizava-se o *Ikhéré* na aldeia de Cabeceira Grossa, mas se tratava da versão Canela deste ritual. O chefe da aldeia, Pedro *Penõ*, opina que os índios não fazem mais o rito de *Ikhéré* porque não há mais luta entre as tribos indígenas. O *Ikhéré* se realizava outrora para tornar grandes os meninos, para fazer a população “render”. Assim tinham sempre gente suficiente para lutar. Segundo Antônio Pereira, o último *Ikhéré* foi realizado em Pedra Furada por Chico Cornélio e Mané Velho; não sabemos se foi a mesma performance a que se referiu José Aurélio ou se outra.

Logo que se iniciava o rito eram escolhidos os dois *Krārikate*, isto é, os dois jovens mais velhos que caminham na frente dos demais reclusos, o *Ikapōkate*, isto é, aquele que cerra a fila dos jovens e as duas *Ikhérékahāi*, isto é, duas moças que ficam associadas aos rapazes reclusos. As mulheres entravam nas casas das mães desses jovens distinguidos por papéis especiais e se apropriavam de todos os objetos que encontravam. Os jovens reclusos eram encerrados em quartos especialmente construídos para eles em suas casas maternas. Os

meninos participantes que eram moradores numa só casa se encerravam no mesmo quarto. Os meninos assim encerrados eram chamados de *kotamtxua*, isto é, “*itamtxua* da água”, expressão que pode ser entendida se examinarmos o mito com que os craôs narram a origem deste rito: o mito de *Akrei* e *Kengunã* (vide Schultz, 1950, pp. 93-114). Estes dois heróis míticos resolveram morar dentro d’água para crescerem depressa (idem, pp. 97-98). Não sabemos dizer exatamente quanto tempo ficavam reclusos os jovens. Mas durante este tempo eram superalimentados, de modo que, quando saíam, estavam grandes, bonitos e gordos. Era preciso que as roças fossem grandes para que houvesse alimento suficiente para os *kotamtxua*. O quarto de reclusão possuía um corredor que conduzia a uma privada; tinha também uma porta que dava para a parte posterior da casa, onde o rapaz tomava banho. Dessa maneira, o jovem recluso não se afastava de jeito nenhum de seu quarto, nem mesmo para banhar-se ou satisfazer a necessidades fisiológicas. A água para o banho, o alimento, eram entregues ao jovem por pessoas velhas, as únicas que podiam vê-lo. As pessoas que viam o recluso deviam ser indivíduos que não copulassem, pois de outro modo o rapaz não engordava. Todos os dias o *Ikhréré mehim kokate* dava dois gritos muito longos: hooooo! hooooo! Esses gritos se ouviam de manhã, durante a corrida de toras e de tarde. Quando ouviam tais gritos, os rapazes reclusos não podiam nem se mexer. Os reclusos eram banhados com o suco de abóbora.

No dia que deviam deixar a reclusão, cobria-se o corpo dos rapazes com penas. Cada rapaz dava a volta à aldeia nos ombros do homem que lhe deu nome. Os rapazes ficavam uns dois dias no mato para que as penas coladas em seus corpos se desprendessem. Eram em seguida pintados com jenipapo. Deviam então participar de uma corrida com toras grandes e molhadas com água.

As corridas de toras que se realizavam durante este rito eram disputadas pelas metades *Khöikateye* e *Harākatete*.

Só depois de passar pelo ritual do *Ikhréré* é que o rapaz se casava.

3 – *Pembkahëk*

Já dissemos que existem, para os craôs, três modos diferentes de fazer o ritual de *Pembkahëk*. A apenas um deles chegamos a presenciar. Os outros dois somente conhecemos por informações. Daremos em primeiro lugar a descrição daquela modalidade a que presenciamos e em seguida a daquelas que conhecemos por informação.

3a) 1ª modalidade: *Pembkahëk Hōpintahō'txire*

Esta forma de realização do rito é também chamada de *Pembkahëk Koyanoi* (*Koyanoi* é o bastão que os jovens participantes usam no final da cerimônia). Alguns dizem também que se chama *Pembkahëk Araperé* (*Arape* consiste em dois feixes de fios que cada jovem participante usa a tiracolo, de modo que se cruzem no peito e nas costas). Entretanto, outros informantes afirmam que *Araperé* consiste numa outra modalidade do rito.

Quando chegamos à aldeia do Posto em setembro de 1962, alcançamos o rito *Pembkahëk Hopintahō'txire* na fase de latência que caracteriza todos os ritos craôs de longa duração. Segundo informações do chefe da aldeia, o rito estava atrasado. Eram entusiastas deste cerimonial os índios Marquinho, João Silvano e Pedro Colina, sendo o primeiro o *padré* da aldeia. A abertura do ritual se deu em junho de 1961 e êle devia de terminar em

janeiro do ano seguinte. Entretanto, Marquinho morreu em agosto de 1961, João Silvano em setembro do mesmo ano e Pedro Colina em setembro de 1962. Tais mortes atrasaram o desenrolar do rito. Antônio Pereira substituiu Marquinho como *padré* da aldeia. De qualquer modo, não chegamos a assistir a abertura.

Malgrado informações posteriores dizerem que nesta modalidade de *Pembkahëk* as metades participantes são *Krókrók* (Papa-mel ou Irara) e *Pentxi* (Abelha), durante a realização da mesma, que presenciamos, falava-se sempre em *Krókrók* e *Hëk* (Gavião). Os craôs, por conseguinte, não parecem dar muita importância ao cuidado de distinguir a metade *Pentxi* da metade *Hëk*.

Nas corridas de toras os *Krókrók* tinham como aliados os *Pembkahëk*, isto é, aqueles jovens e meninos que ainda não tinham filhos. Como a categoria *Pembkahëk* abrange inclusive os meninos de colo, não é preciso dizer que só participavam das corridas de toras os jovens mais crescidos. Os *Pentxi* (ou *Hëk*), por sua vez, além de não terem aliados, também não tinham o direito de cortar toras. Estas eram preparadas seja pelos *Krókrók*, seja pelos *Pembkahëk*.

Desse modo, neste tempo, na aldeia do Posto, os homens com filhos estavam distribuídos entre as metades *Krókrók* e *Pentxi*, enquanto os sem filhos eram considerados *Pembkahëk*. As mulheres casadas estavam cada qual incluída na metade de seu marido, mas sua participação no rito era menos plena que a dos homens. Somente as moças associadas a cada metade e aos *Pembkahëk* tinham plena participação. A metade *Pentxi* possuía apenas, como é de regra, uma moça associada, de nome *Pakrat*, solteira, mas não virgem. A metade *Krókrók* tinha duas, chamadas *Yompró* e *Tekhwoi*, ambas casadas. Os *Pembkahëk* tinham duas, chamadas *Ramkhwoi* e *Krainõ*, sendo ambas casadas. Todas essas moças associadas não tinham filhos.

De vez por outra, ao cair da tarde, os *Pembkahëk* davam a volta pelo caminho circular da aldeia, para receber alimento de suas mães. Eles saíam de uma casa situada na parte sul da aldeia, que já servira de sede de escola do S.P.I. e caminhavam seguindo a direção contrária à dos ponteiros do relógio. Traziam cruzado no peito e às costas o *arape*, isto é, dois feixes de fitas de buriti usadas à tiracolo. Os *arape* ficavam guardados na referida casa. Seu número variava diariamente. À primeira vez que os vimos formavam uma fila de nove. À medida que iam passando diante das casas da aldeia, saía de cada moradia uma mulher com uma cuia de alimento ou com uma penca de bananas e entregava a um deles. Completada a volta, os rapazes saíram da aldeia pelo caminho junto à casa de onde tinham começado o percurso e se reuniram a uns cem metros da aldeia para comer. Dividiram os alimentos entre si e cada um comeu sua parte. Um velho da aldeia acompanhou-os para que lhe fosse também oferecido algum alimento na hora da partilha.

À medida que o encerramento se aproxima, parece que a frequência a este ato de receber alimento ao cair da tarde aumenta. Aquele primeiro desfile de jovens *Pembkahëk*, presenciamos-lo em 21 de setembro de 1962. Tal desfile não se fazia todos os dias. Já no dia 11 de dezembro do mesmo ano, tomavam parte na coluna um número bem maior de jovens. Na frente estava Siriago, um dos chefes dos *Pembkahëk*, que tinha o título de *Krãrikate*, depois vinham as duas moças associadas, isto é, as *Pembkahëk-kahãi*; em seguida, caminhavam doze ou treze jovens *Pembkahëk*; fechava a fila Clóvis, que tinha o título de *Hõkapontxë*. Reuniram-se outra vez no mesmo local para comer; dividiram-se em três

grupos: um constituído pelas moças associadas, outro pelos rapazes maiores e o terceiro, pelos menores. Ora, no primeiro desfile descrito, não estavam presentes nem as moças associadas e nem um dos *Krārikate*. O *Hōkapontxē*, por outro lado, estava sempre munido de um instrumento para disciplinar os jovens: no primeiro desfile descrito, trazia um cinturão; no segundo, uma vara.

No dia seguinte, já em plena fase de encerramento, participavam do desfile para receber alimento um total de 26 jovens. Na fila estavam não somente indivíduos da aldeia do Posto, mas também rapazes da aldeia de Pedra Branca, cujos habitantes tinham sido convidados a tomar parte do encerramento do ritual. Desta vez, as moças associadas desfilavam completamente nuas, pois, caso saíssem cobertas com o pano que as mulheres costumam usar em torno da cintura, ele seria tomado por qualquer um que o quisesse.

Durante o período de latência do ritual, os jovens não pareciam sofrer nenhuma reclusão. Simplesmente, um dia ou outro faziam o desfile para receber alimento. Tanto os chefes dos *Pembkahëk*, como o disciplinador e também as moças associadas, pareciam desempenhar papéis puramente decorativos. Parece que normalmente comiam em casa como os demais membros da família.

Diariamente, durante este período de latência, os homens se reuniam na praça da aldeia, de manhã, divididos nas metades *Krókrók* e *Pentxi*, a fim de resolver sobre as atividades diárias. Também corriam com toras divididos nestas metades. Entretanto, o ritual de *Pembkahëk*, longo como é, sofria diversas interrupções para a realização de cerimônias pertencentes a outros ritos, rápidos ou longos, que tinham lugar ao mesmo tempo. Assim, nem todos os dias as reuniões matinais e as corridas de toras eram feitas entre as metades *Krókrók* e *Pentxi*, mas entre outros pares de metades.

À medida que se aproximava o período de encerramento do ritual, começavam as providências no sentido de confeccionar os *koyanoi*. O *koyanoi* é um bastão de pouco mais de um metro, lavrado em pau-brasil. É como que um cetro, tendo a extremidade inferior terminada em ponta e a superior mais trabalhada, geralmente talhada em forma de ípsilon. Desta extremidade pendem fios recobertos com miçangas e terminados com penas de papagaio ou arara. Cada *Pembkahëk* deve ter um *koyanoi*; também as duas moças associadas aos *Pembkahëk* devem tê-los. Cada jovem tem seu *koyanoi* lavrado por um parente e parece que geralmente é o próprio pai quem se encarrega de fazê-lo. Já no dia 28 de setembro de 1962, José Pinto preparava o *koyanoi* de um de seus filhos; também Basílio fazia para o seu, menino ainda bem pequeno. Em meados de outubro um informante dizia que os pais dos *Pembkahëk* iriam cortar pau-brasil para fazerem os *koyanoi*. Francisco fazia o *koyanoi* de sua filha, uma das *Pembkahëk-kahāi*. Outros, porém, faziam *koyanoi* para indivíduos que não eram filhos seus, mas que ocupavam outras categorias de parentesco. Assim, Patrício, velho sem filhos *Pembkahëk*, fazia três *koyanoi*: um para *Pirika*, marido da filha da filha de sua irmã; outro para *Krîtxó*, irmão da esposa do filho de sua irmã; e o terceiro para *Kinkin*, filho do filho de sua irmã. Manoel também fazia *koyanoi* para três jovens: um para Siriago, seu irmão, outro para *Kruakrai*, irmão de sua esposa; o terceiro para *Ayehi*, filho da filha da irmã. Pedro Noleto fazia também três: um para *Rourok*, filho da irmã de sua esposa; outro para *Krorekrã*, filho de sua filha e que era portador de seu mesmo nome pessoal; e o terceiro para um outro neto. Também Zacarias fazia três *koyanoi*, para *Aprak*, *Hidetét* e *Pikén*, todos três, filhos de irmãs suas. Lourenço fazia o de *Ramkhwoi*, uma das *Pembkahëk-kahāi*, filha da irmã de sua esposa. Alguns faziam para si mesmos. Amazonas, por exemplo, rapaz casado e

com filhos, portanto não mais *Pembkahëk*, fazia um para si mesmo, talvez apenas com intenção de vendê-lo. Esteves, homem maduro, fazia um *koyanoi* para si, dizendo que era chefe dos *Pembkahëk*; não entendemos bem sua função: talvez tivesse sido no passado *Hökapontxë*. O chefe da aldeia lançou mão dos funcionários e das ferramentas do Posto S.P.I., pedindo-lhes que serrassem o pau-brasil.

Não era apenas a confecção dos *koyanoi* que se providenciava. Também se procurava comprar miçangas, para enfeitar os mesmos, e panos, para que as mulheres tivessem tecidos novos com que se vestir no encerramento do rito. O velho Gabriel, por exemplo, nessa ocasião nos disse que faria algum artefato indígena para nós, a fim de ganhar o dinheiro com o qual compraria pano para o encerramento do rito. Alguns chegaram a ir mesmo a Pedro Afonso, a fim de comprar miçangas.

Pode-se dizer que foi no dia 11 de dezembro de 1962 que se iniciou o período de encerramento do rito de *Pembkahëk*. Na madrugada desse dia as metades *Krókrók* e *Pentxi* cantaram; a primeira na praça da aldeia, com um cântico em ritmo lento; a segunda, na rua circular periférica em ritmo rápido. Os *Pentxi* penetraram na praça por um caminho que ficava mais ou menos ao sul e se encontraram com a outra metade no pátio da aldeia. Então o cântico terminou e os índios começaram a agir como fazem todos os dias: fizeram uma corrida com varas em torno da aldeia, mas desta vez as varas eram ornadas, cada uma, com um tufo de fibras. Após isso houve uma corrida de toras, depois o banho e, em seguida, a reunião na praça. Após a reunião foram à casa da *witï* dos meninos, onde lhes foi oferecida uma refeição de farinha, mangas e bananas. A refeição na casa de *witï*, em princípio, deve ser oferecida todos os dias, mas tal acontece quase que somente em ocasiões de cerimonial. Também a corrida de varas se dá frequentemente, mas as varas são simples, de canajuba, ambas de mais ou menos um metro. Nessa ocasião, entretanto, estavam ornadas com tufos. Enquanto os homens estavam na casa de *witï*, o *padré*, Antônio Pereira, cantava, andando para lá e para cá nos caminhos que ligavam as duas casas de *witï* ao pátio. Em dado momento Antônio Pereira, cantando, andou de quatro. Depois foi-nos dito que ele avisava aos habitantes da aldeia para prepararem o alimento de *Krókrók* (o papa-mel é um quadrúpede). O jovem Aniceto cantou depois das nove horas da manhã, na rua circular da aldeia, parando diante de cada casa. Tal cântico não parecia ser especialmente ligado à cerimônia de *Pembkahëk*: os *craôs* dispõem de inúmeros cânticos que podem ser entoados em qualquer ocasião, mas que se ouvem sobretudo quando se realiza um ritual. Ele trazia um *koyanoi* na mão: é costume os cantadores que correm pela rua periférica diante das casas trazerem um bastão (nesse dia era o *koyanoi*) para se defenderem de um eventual ataque de cachorros.

Tinha sido resolvido de manhã que a aldeia deveria ter seus caminhos capinados e limpos. Os *Krókrók* ficaram com a parte norte da aldeia e os *Pentxi* com a parte sul. Vimos alguns da primeira metade trabalhando na capinagem; aliás o trabalho não estava sendo muito bem feito, realizando-se de um modo um tanto disperso.

Todos estavam cuidando de sua aparência. Desse modo, foram vários os indivíduos que nos vieram pedir gilete para fazerem a barba.

À tarde foi realizada uma corrida de toras. Tinham sido os *Krókrók* que as haviam cortado. Foi-nos dito, embora não tenhamos podido verificar pessoalmente, que os membros da metade *Krókrók*, mal avistassem os da metade contrária, que se aproximavam, tomariam sua tora e partiriam correndo, levando os *Pentxi* desvantagem logo de início. Eram 16 horas

e trinta minutos quando os corredores entraram na aldeia com as toras. Os *Krókrók* chegaram primeiro. Reclamou-se, então, que a tora de *Pentxi* era mais pesada que a dos *Krókrók*, tanto que eles a tinham deixado cair três vezes. Realizou-se, pois, nova corrida dentro da aldeia, tendo as metades trocado as toras entre si, mas os *Krókrók* tornaram a vencer.

Meia hora depois, os moradores da aldeia de Pedra Branca chegaram, convidados que tinham sido para participarem do cerimonial. Foi a única aldeia convidada. As outras não o foram por dois motivos: em primeiro lugar, não havia alimento suficiente para receber aos habitantes de todas; em segundo lugar, nessa ocasião havia certos ressentimentos entre os membros das aldeias do Posto e Boa União, caso que examinamos no capítulo IX. Os homens da aldeia do Posto aguardaram os visitantes na praça para os cumprimentarem.

Quase às seis horas da tarde iniciou-se então uma cerimônia dirigida por Antônio Pereira, o *padré*. Este, no pátio, voltado para oeste, à frente de doze homens, cantava e dançava. Diante dele, voltada em sua direção, estava a cantora *Krampéi*. Antônio Pereira tinha um *txi* amarrado abaixo do joelho direito, que chocalhava, quando ele batia com o pé direito no chão. *Krampéi* cantava com sua voz grave, não tirava os pés do chão e os tinha unidos. Seus braços estavam voltados para frente, dobrados os cotovelos e levantava suas mãos, ora uma ora outra, até à altura do pescoço. Seus joelhos se dobravam toda vez que Antônio Pereira batia com o pé direito no chão. Antônio Pereira andava de um lado para o outro no sentido norte-sul e os outros homens o acompanhavam. Quando ele parava diante de *Krampéi*, os outros paravam também. Quando os movimentos do *padré* e dos homens se tornavam mais rápidos, *Krampéi* então se movia segundo as batidas do *txi*, pondo um pé para trás e para o lado na primeira batida e unindo a ele o outro pé na batida seguinte, pondo o primeiro pé para frente e para o mesmo lado na terceira batida, unindo-lhe o outro na quarta. Caminhava desse modo para o lado, sem deixar de estar voltada para leste e sempre no sentido contrário ao que os homens iam. O chefe da aldeia dançava com um arco e algumas flechas, enquanto um outro homem novo tinha um pequeno bastão enfeitado. Explicou-nos então o chefe que outrora todos os homens participavam dessa cerimônia armados. Ela era o “arremate” da caçada. As metades participavam dela misturadas. As mulheres e as crianças eram excluídas e ficavam assistindo das extremidades dos caminhos, no lugar onde eles desembocam na praça. Tratava-se do “arremate” da caçada porque os homens tinham ido provavelmente caçar para o encerramento do rito, como deveriam fazer.

Houve ainda uma corrida de varas e os *Pembkahëk* saíram em fila para receber o alimento.

Ao cair da noite as mulheres começaram a cantar na praça, dirigidas por um cantador, como costumam fazer todos os dias. Só que nesse dia a frequência de mulheres era maior, havendo um momento em que 37 estavam cantando. Também outros tipos de dança e de cânticos tinham sido realizados durante o dia, os quais, não sendo parte integrante do rito de *Pemkkahëk*, costumam ser executados sobretudo em ocasiões de realização de ritos.

No dia seguinte, pelas quatro horas da manhã, Esteves começou a chamar ritualmente o cantador e as mulheres para virem cantar na praça. Isso também não era uma parte integrante do ritual de *Pembkahëk*; apenas costuma-se cantar de madrugada na praça em ocasiões rituais, mas isso pode ser feito também em outras ocasiões. Não raro, mesmo nos dias comuns, o cantador e as mulheres são chamados de maneira ritual.

Às cinco e meia da manhã o cântico acabou e começou uma cerimônia ligada propriamente ao rito. Os *Krókrók* saíram da praça, dirigindo-se à casa de Pedro Noletto, pai de uma de suas moças associadas, caminharam no caminho circular no sentido dos ponteiros do relógio e tornaram a entrar na praça por um caminho do sul. Voltaram à praça com essa moça associada. Os *Pentxi* dão também uma volta na rua circular da aldeia, no sentido da corrida de toras, e tornam a entrar por um caminho do sul, encontrando-se com os *Krókrók* na praça. Estes andavam curvados para frente, esfregando uma mão na outra; aqueles chegavam de braços levantados. Um informante explicou que os *Hëk* (*Pentxi*) levantam as mãos porque estão voando, enquanto os *Krókrók* esfregam as mãos porque estão limpando as mãos sujas de mel. Por conseguinte, imitam os animais que dão nome às metades.

Pelas sete horas da manhã, José Aurélio recitava algo diante de cada casa. Disseram-nos que ele avisava para se preparar o alimento dos *Pembkahok*. Depois das nove horas, Antônio Pereira cantava também diante de cada casa. Saía da frente de uma casa e ia até a casa do lado oposto da aldeia, fazendo assim até completar todas as casas. José Aurélio gritava para ele, animando-o. Antônio Pereira dessa forma alegrava a aldeia. Não se tratava, parece, de nenhum cântico especial do *Pembkahëk*.

A parte do rito realizada ao anoitecer de 12 de dezembro foi um tanto atrapalhada pela chuva. Não sabemos se deviam de cantar no pátio, como parece, mas à noite, pelas sete horas, cantavam na casa do *padré*, Antônio Pereira, que ficava na parte nordeste da aldeia. Eram apenas os *Krókrók* que cantavam. As duas moças associadas tinham cada uma, na cabeça, um rolo de fio de algodão e um fio de miçangas terminado por duas penas de arara que tocavam o chão. Atrás de uma das moças estava um homem, Aniceto, que era seu *hōpin*, enquanto atrás da outra estava uma velha, *Yut*, que era sua *hōpintxwöi*. O que as moças tinham na cabeça eram presentes que seriam dados aos amigos formais (*hōpin* e *hōpintxwöi*) que estavam atrás delas. Eram todos *Krókrók* os que cantavam; dirigia-os Antônio Pereira. Não deveria fazê-lo, pois o *padré* pertencia ao lado dos *Pentxi*. Acontece, porém, que Patrício, o líder dos *Krókrók*, tinha ficado deitado em casa, queixando-se de dor na perna. Cantavam voltados para o pátio. De vez em quando um grupo de *Krókrók* ia até o pátio e voltava. Pelas 22 horas foi servido um paparuto feito pelos moradores da casa de uma das moças associadas aos *Krókrók*. Havia também arroz com fava, ao que parece preparado na própria casa de Antônio Pereira, que é também a casa do *witii* das mulheres.

Passada a chuva, os *Krókrók* foram para a praça, colocando-se do lado leste e voltados para oeste. Apenas quatro membros masculinos desta metade cantavam. As moças associadas estavam sentadas. De repente, dois homens e uma das moças associadas foram até o extremo oeste da praça e voltaram; iam na direção da casa de marimbondos, próxima da aldeia, que deveria ser destruída no dia seguinte. O amigo formal da moça associada segurava o fio de miçangas com penas de arara que pendia da cabeça dela para que não sujasse no chão. Tanto o grupo que se deslocou como o que ficou parado continuaram cantando. Em seguida, o grupo que havia ficado parado fez o mesmo. E assim esses dois grupos foram alternando nas suas idas e vindas na direção da casa de marimbondos. Disse-nos alguém que esses grupos iriam cada vez até mais longe, até que ao amanhecer chegariam até junto da casa de marimbondos. Entretanto, ao amanhecer, como pudemos verificar, iam somente até a extremidade oeste da aldeia. Conforme se aproximava a luz do dia, o número de membros da metade *Krókrók* que cantavam na praça aumentava. Havia também várias mulheres sentadas na praça quando amanheceu.

A cerimônia tomou então um ritmo rápido e difícil de acompanhar. Em primeiro lugar, os homens se dispuseram num semi-círculo na parte mais baixa da praça, ficando um atrás do outro, agachados, com as mãos no chão. Representavam os cangambás (*Piké*). Atrás do último homem, João Delfino, Pedro *Penõ* e José Paulo fingiam cavar o chão e enfiar uma vara no buraco para capturar os cangambás. De repente, José Aurélio, que ocupava o penúltimo lugar na fila dos cangambás, jogou a água contida numa lata pequena no rosto de João Delfino. Este caiu imediatamente no chão, fingindo-se desfalecido, enquanto Pedro *Penõ* e José Paulo fingiam acudi-lo. É que o cangambá lhe tinha “urinado” em cima. Todos aqueles que haviam participado da representação como caçadores de cangambá faziam parte do grupo dos *Me?ken*, que parece coincidir com o grupo dos *Hotxua* do ritual já descrito do *Yëtyõpĩ*.

Depois os homens se dispuseram ombro à ombro em duas filas paralelas, estando os membros de uma fila frente a frente com os membros da outra. Ajoelharam-se todos; cada homem segurando as mãos daquele que estava diante de si. Uma mulher de meia idade, chamada *Hoyat*, saiu de sua casa, localizada na parte norte da aldeia. Tinha suas costas cobertas com uma esteira, trazendo também um rabo de palha. Ela veio se aproximando do pátio fingindo que cavava com as mãos aqui e ali. Imitava assim o tatu canastra (*autxeti*). Ao chegar perto dos homens, abandonou a esteira e o rabo de palha e atravessou entre as duas fileiras, pisando sobre as mãos dos mesmos; tornou a passar de volta sobre as mãos dos homens. Segundo um informante, toda mulher chamada *Hoyat* ou chamada *Iótkró* pode fazer o papel de tatu canastra neste rito. Não conseguimos saber o significado do ato.

Então os homens se dispuseram numa fila, um atrás do outro, voltados para o norte, tendo Antônio Pereira à frente, cantando. Num caminho que desembocava no pátio pelo leste, sobre uma tora, estavam dois indivíduos, um chamado *Mampok* e outro, *Pokrók*. Eles tinham um círculo preto pintado em torno de cada olho e representavam o pássaro coã (*Konkó*). Eles desceram da tora e ficaram rodeando a fila de homens, movimentando-se como se estivessem voando, e piando. Ao mesmo tempo iam puxando para fora da fila certos indivíduos que deveriam quebrar a casa de marimbondos. Desse modo foram retirados da fila Francisco, Milton, Emiliano, Francisco Novo, João Paulino, Pedro Noleto e Aleixo. Os indivíduos escolhidos para quebrar a casa dos marimbondos eram todos reconhecidos como brigões. Mais tarde, conversando com *Pokrók* (Bernardo), um dos coãs, soubemos que ele é que havia tirado da fila a João Paulino, Pedro Noleto, Francisco e Aleixo, sendo que este último era seu próprio irmão. Os outros foram retirados por *Mampok* (Aniceto). Explicou-nos certos hábitos desses indivíduos que os colocavam na categoria própria dos aptos à seleção para quebrar casa de marimbondo. Francisco, por exemplo, espancava a esposa; Emiliano não fazia isso, mas em compensação, ofendia os outros homens diante deles. Assim como Bernardo separou seu próprio irmão para quebrar casa de marimbondo, Aniceto escolheu Emiliano, filho de seu irmão. No momento em que escolhia os quebradores da casa de marimbondos, Bernardo tinha um colar de uma volta de miçangas ao pescoço. Era uma dádiva a ser feita à aldeia, pois não é costume os homens usarem colares de miçanga entre os craôs. Lourenço, que estava na fila, mas que era um dos “prefeitos” da aldeia, chamou Bernardo e tomou o colar. As parentas dos homens escolhidos começaram a providenciar proteções para eles contra os marimbondos: *Hoyat* passou óleo no rosto de Emiliano, filho da filha da irmã de sua mãe, pois dizem que o óleo evita as picadas desses insetos; *Kuiko* amarrou um pedaço de meia de mulher no rosto de seu irmão Aleixo.

Era o momento do indivíduo que faz o papel de *Tómhëk* (Sapo) entrar em ação. Entretanto, o rapaz Amazonas, que é o portador do nome pessoal apropriado para o desempenho deste papel (chama-se *Itxuyayó Yayé*) ficou com vergonha de fazer o convite para quebrar a casa de marimbondos. Por isso esse convite foi feito pelo chefe Pedro *Penõ*. Soubemos desse fato mais tarde. O *Tómhëk* se dirige ao povo dizendo-lhe que três aldeias já se uniram e que é preciso lutar contra elas. Assim se refere aos marimbondos. Os marimbondos, por conseguinte, representam aldeias inimigas daquela que realiza o rito.

Com Antônio Pereira, o *padré*, à frente, todos se dirigiram correndo para a casa de marimbondos, que não estava a mais de 200 metros da aldeia, a oeste. Todos iam quebrando galhos para matarem os marimbondos, que eram da espécie sorrão (*khṛātík*). A cena foi rápida; a casa de marimbondos não chegava a estar a três metros de altura, num arbusto de tronco fino. Aleixo subiu no arbusto e havia muita gente em volta. De repente o galho quebrou-se e Aleixo se precipitou no solo. Todos fugiram. Os marimbondos atacaram Aleixo. Foi ele então carregado às costas por Zezinho, marido de uma de suas irmãs. Mais adiante foi posto no chão. Uma de suas irmãs e a filha da irmã de sua mãe acudiram, retirando-lhe os marimbondos que tinha na cabeça. Ele chorava e xingava. Disseram-nos que ele estava reclamando que ninguém o tinha ajudado a quebrar a casa dos marimbondos, que, quando pegasse algum menino da aldeia iria bater nele. José Aurélio, também casado com uma irmã de Aleixo, pôs-lhe as mãos nas costas e levou-o para a casa. Parecia dar-lhe conselhos. Presente Aleixo em sua casa, sua irmã começou a chorar cantado. O chefe da aldeia comentou conosco na praça, rindo, e mais ou menos com essas palavras: “É *Kuiko* que está chorando, porque o irmão vai morrer de espora!” Mais tarde recebemos informação que as mulheres deveriam ter ajudado a matar os marimbondos, mas simplesmente correram deles.

Enquanto uma parte da aldeia se ocupava em destruir a casa de marimbondos, os homens, na praça, tomaram o filho de José Aurélio, um menino de uns sete anos, chamado *Kópkahëk*, puseram-se em círculo e o atiraram várias vezes para o alto e o aparavam quando vinha descendo. Não sabemos também o significado deste ato.

Às seis horas e meia da manhã saíram os corredores da aldeia para irem buscar as toras cortadas pelos *Pembkahëk* e que estavam a cerca de uma légua. Pouco mais de meia hora depois as toras chegavam à aldeia.

Depois das sete e meia os *Pembkahëk* estavam presos na casa da antiga escola. Suas mães lhes traziam comida. Tiveram depois os seus cabelos cortados, pois parece que não os cortavam desde o início do rito. Eram quase dez horas da manhã, quando saíram para o mato a fim de confeccionarem longos bastões chamados *Pembkahëkyōko*. Estes bastões se destinavam a serem oferecidos aos amigos formais (*hōpin* e *hōpintxwöi*) dos *Pembkahëk*, para neles se apoiarem durante a última noite do ritual, que passariam acordados e cantando. Eram varas de pindaíba (*kukhë*) de comprimento superior à altura de uma pessoa. Com auxílio de facas e dos dentes, os jovens retiravam parte da casca do bastão levando-o, em seguida ao fogo; após isso, retiravam o resto da casca. Dessa maneira, o cerne da vara tinha faixas ou linhas em negro feitas a fogo. As partes não queimadas eram recobertas com o vermelho do urucu. Havia dois tipos de desenho, segundo a metade sazonal do jovem que o fazia. O bastão feito por jovem *Wakmëye* tinha linhas retas interrompidas e negras no sentido do seu comprimento. O bastão feito pelo jovem *Katamyë* alternava seções cilíndricas negras com seções vermelhas. Como tais bastões deveriam ser usados no sentido vertical, sua pintura imitava a pintura de corpo, já que os membros da metade *Wakmëye* pintam riscos verticais

em seus corpos e os membros da metade *Katamye*, faixas horizontais. Até mesmo as moças associadas estavam fazendo bastões. Cada indivíduo fazia mais de um, já que possuía mais de um amigo formal a quem oferecê-los.

Pelas cinco e meia da tarde, os homens se separaram na praça nas metades *Khöirumpekëtxë* e *Harãrumpekëtxë*, ficando respectivamente a leste e a oeste. Não estavam separados, entretanto, nos subgrupos em que se dividem essas metades. A metade que estava a leste deslocou-se para o sul da praça, enquanto que a que estava a oeste, para o norte. Os *Harãrumpekëtxë* se dirigiram então para a casa que fica exatamente a oeste na aldeia. E foram seguidos pelos *Khöirumpekëtxë*. Diante desta casa estavam deitados dois troncos de pindaíba, também cortados pelos *Pembkahëk*, cobertos de urucu inteiramente, e que tinham o nome de *awarewuru*. Os membros das metades se dispuseram de um e outro lado dos troncos, uma contra a outra, e cantaram, estendendo os braços na direção dos troncos. A seguir cada tronco foi levado por dois membros da mesma metade, um pelos *Khöirumpekëtxë* e outro pelos *Harãrumpekëtxë*. Fizeram isso correndo. Os troncos foram colocados deitados na praça, lado a lado, um com a extremidade mais grossa voltada para o norte e o outro, para o sul. Os homens tornaram a cantar da mesma forma, estendendo os braços para os troncos. Depois, dois homens *Harãrumpekëtxë* levaram correndo um dos troncos para o norte da aldeia, fincando-o num buraco previamente escavado na rua circular da periferia. Dois homens da metade oposta levaram o outro tronco para o sul, fazendo o mesmo. Cantaram outra vez na praça e se dirigiram para uma casa situada na parte leste da aldeia. Diante dela estavam deitados mais dois troncos iguais aos primeiros. Ali tornaram a cantar com os braços voltados para os troncos. Cada tronco foi então levado para a praça por uma dupla de homens, cada uma pertencente a uma metade. Tornaram a cantar da mesma maneira na praça. Daí um tronco foi levado até a extremidade leste da aldeia pelos *Khöirumpekëtxë* e o outro para a extremidade oeste pelos *Harãrumpekëtxë*.

Ainda nesse mesmo dia, pelas 6 horas da tarde, saíram os *Pembkahëk* para pedirem alimento. Formavam um grupo de uns 32 indivíduos. Incluía também os provenientes de Pedra Branca. Na fila, os maiores e de mais idade iam na frente.

Quase meia hora depois começou a chover. Todos foram para a casa da *witï* dos meninos. Os *Pembkahëk* faziam a distribuição de seus bastões a seus amigos e amigas formais. Era uma discussão, um falatório tremendo. Parece que nem todos receberam bastão. Mas todos os amigos formais, foi-nos dito, cantariam. Pela meia-noite receberiam alimento. Aliás, em todas as casas da aldeia houvera nesse dia um grande movimento de cozinha: ouviam-se os pilões trabalhando, viam-se panelas grandes em uso, fogueiras de paparuto.

Às seis horas e trinta minutos da tarde Esteves e Pedro Noleto convidavam os que deveriam participar do cântico. Os *Pembkahëk* e as moças associadas, quase despidas, estavam em círculo; seus amigos e amigas formais (*hōpin* e *hōpitxwöi*) formavam um outro círculo que envolvia o primeiro. Antônio Pereira, o *padré*, colocado no centro dos dois círculos, começou a cantar e a dançar, acompanhado por todos. O velho Patrício, com duas tesouras nas mãos, passava em torno dos círculos, entoando um outro cântico, que só sobressaía quando outros interrompiam o seu. É que Patrício, devido a seu nome indígena, *Kaprë Kodetët Kahih*, exercia o papel de *ritxahï*, isto é, deveria cortar uma mecha do cabelo de quem estivesse dormindo durante o cântico. Esteves e Pedro Noleto representavam respectivamente as metades *Katamye* e *Wakmëye*, estando o primeiro no lado oeste e o segundo no lado leste da casa. Eles cantavam, um de cada vez, sozinhos, quando Antônio

Pereira e os demais interrompiam o cântico. Mais tarde foram substituídos nessa tarefa por Antoninho e Messias, respectivamente. Em dado momento, *Herwo*, na qualidade de *hōpin* de Patrício, acompanhou-o, também com duas tesouras, batendo uma contra a outra acima da cabeça, passando por dentro e por fora dos círculos dos que cantavam.

Às oito horas e trinta minutos da noite começaram a colar penas no corpo do jovem *Kodeté*, que, pela idade que tinha, era um *Pembkahëk*. Estava sendo emplumado àquela hora porque, sendo portador do mesmo nome pessoal de Patrício, era, como ele, também um *ritxahï*.

Quase às onze horas da noite, os participantes estavam comendo. Cada qual recebeu alimento de seu amigo formal. Uma mulher, *Kuiko*, chegou a receber seis cuias de alimento. A maior parte era arroz; havia pouca fava e pequena quantidade de carne.

A cerimônia tinha até então se desenvolvido na casa de *witï* porque estava chovendo. Normalmente seria realizada no pátio. Na hora em que os participantes recebiam o alimento a chuva tinha cessado e a lua começava a surgir. Mesmo assim, continuaram a cantar na casa de *witï* até o amanhecer.

Antes de seis horas da manhã seguinte (dia 14 de dezembro) começaram a emplumar os corpos dos *Pembkahëk*. Cada jovem era emplumado por membros de seu próprio grupo da praça (grupos que constituem as metades *Khöirumpekëtxë* e *Harãrumpekëtxë*). Os jovens *Katamye* eram enfeitados com penas de juriti ou de gavião, enquanto os *Wakmëye*, com penas de periquito. Para colar as penas era usado o pau-de-leite ou a resina de almécega. De um modo geral, eram as mulheres que passavam a substância colante, enquanto os homens aplicavam as penas. Apesar de tudo, a moça associada *Tekui*, embora fosse *Katamye*, estava sendo enfeitada com penas de periquito. Alguns jovens, pelo menos presenciamos cinco casos, estavam sendo emplumados com penas de periquito e juriti a um só tempo. Parece que a verdadeira causa disso era a falta de penas suficientes para todos, como aliás nos foi assegurado, a respeito de um dos jovens. De Clóvis, entretanto, nos foi dito outra coisa; estava sendo enfeitado com penas de periquito e de juriti; um informante assegurou que faziam assim com ele porque Clóvis pertencia ao grupo *Kupë*, isto é, “Cristão” ou “Civilizado” e os civilizados usam roupas de duas ou mais cores. A emplumação dos jovens se dava numa casa situada na parte leste da aldeia, isto é, justamente oposta à casa que durante todo o período do ritual tinha servido de base aos *Pembkahëk*: a casa da antiga escola, situada a oeste na aldeia.

Enquanto os jovens eram emplumados, José Paulo apareceu com um cavanhaque de penas; José Nogueira estava do mesmo modo. Tratava-se de uma brincadeira, já que os craôs não costumam usar penas no rosto. É que esses dois indivíduos são *Me?ken*.

Acabada a emplumação dos meninos e rapazes *Pembkahëk*, os membros da metade *Pentxi* se dirigiram para a casa de Gabriel, situada na parte sul da aldeia, onde deveriam emplumar sua moça associada. Os membros da metade *Krókrók* foram reunir-se na casa de Patrício, situada na parte oeste da aldeia. Pouco depois das sete horas da manhã os *Pentxi* saíram da casa onde estavam, deram a volta à aldeia, passando pela rua circular e foram se reunir aos membros da metade *Krókrók*. Então, todos juntos, os *Pentxi* e os *Krókrók*, partiram da casa localizada a oeste e, passando pelo meio da aldeia, isto é, pela praça, vieram “atacar” a casa onde estavam reunidos os *Pembkahëk*, a leste. A casa destes, entretanto, estava defendida: numa primeira linha se dispunham homens e mulheres não considerados craôs,

pertencentes a outras tribos. Numa segunda linha se colocavam os *hōpin* e *hōpintxwöi* dos *Pembkahëk* lado a lado, segurando feixes feitos com os bastões *pembkahëkyōko*, no sentido horizontal. Estrangeiros e amigos formais estavam ali para defender os meninos e os jovens contra o ataque das metades. Os *Pentxi* e os *Krókrók* vieram chegando, cantando, braços levantados e ficaram face a face com os defensores da casa. Uma mulher Canela, que estava no número dos defensores, dançou de um lado para o outro, e depois o canto cessou, desorganizando-se tanto os atacantes quanto os defensores.

Os *Pembkahëk* foram então levados à praça nos ombros dos homens. Não nos foi possível averiguar qual a relação que existia entre cada jovem e seu carregador. Na praça tinham sido levantados desde manhãzinha dois bastões *pembkahëkyōko* com mechas de cabelos neles dependuradas. Estavam fincados na parte norte do pátio. Era cabelo que Patrício tinha cortado à noite do pessoal que estava cantando. Um informante nos contou que Patrício havia cortado uma mecha da cabeleira de cada um, embora ninguém tivesse dormido. Quando os meninos e jovens entraram na praça carregados aos ombros dos homens, os dois bastões já estavam fincados em outra parte. De tarde, veríamos as mechas de cabelo jogadas pelo chão amarradas por um fio.

Após o carregamento dos *Pembkahëk* para o pátio, houve mais um ato cerimonial. Antônio Pereira, o *padré* da aldeia, sentou-se numa tora no pátio, voltado para a casa de onde tinham saído os *Pembkahëk*, ou seja, voltado para leste; tocava maracá, mas não cantava. Saíram então da referida casa três mulheres, a mais velha com o rosto pintado de toá (calcário) e foram-se aproximando do pátio devagarinho, sem cantar. Depositaram diante de Antônio Pereira pedaços de cabaça e bolos feitos de terra. O seu comportamento era próprio dos *Me?ken*, pois brincavam, fazendo oferecimento de coisas imprestáveis; além disso, o uso de toá no rosto é próprio dos *Hotxua* e *Hotxuaré*, que brincam nos ritos de *Përti* e seus congêneres.

Em seguida, Joaquim (*Kratxet*), o jovem *Iahé*, *To'tote*, *Herniã* e Aloísio vieram da mesma casa com conchinhas minúsculas feitas de cabaça, enfeitadas, puseram-nas à boca de Antônio Pereira, para que bebesse à água que continham, pendurando-as em seguida no pescoço do mesmo. Esses indivíduos faziam o papel de *Txïpruré* (Andorinha); tal papel está ligado ao nome pessoal que possuem. Lourenço, um dos “prefeitos”, tirou-lhes os panos que traziam.

Depois, Francisco (*Hëka*) colocou folhas diante de Antônio Pereira e sobre elas foram postas duas esteiras. Homens e mulheres, vindos em grupos pequenos, colocaram sobre essas esteiras pedaços de paparutos ou pencas de bananas. Lourenço tomou os panos que traziam. Alguém nos disse que depois dividiria esses panos entre as viúvas. Terminada a doação de objetos e alimentos, Antônio Pereira se retirou, levando uma penca de bananas. Esteves e Lourenço se aproximaram do monte de doações e tiraram algo que não vimos. Esteves separou, ainda, duas pencas de bananas para nós. O resto foi dividido entre os visitantes, provenientes da aldeia de Pedra Branca. Os moradores da aldeia do Posto, onde se realizava o ritual, não tiveram parte na divisão.

Houve então um intervalo que precedeu a parte final do encerramento do ritual. Esta começou às 16 horas e 45 minutos. O povo se reuniu na casa de Patrício, situada a oeste da aldeia. Começaram a cantar dentro da própria casa e saíram em procissão pela rua circular da aldeia, caminhando no mesmo sentido em que se faz a corrida de toras. À frente iam

Antônio Pereira e o jovem Aniceto, com maracás, e atrás vinham os rapazes e meninos *Pembkahëk*, cada um com seu *koyanoi* levantado para o alto; os homens os envolviam. As mulheres não participavam, a não ser todas as moças associadas aos *Pembkahëk* ou às metades e também *Krampéi*, mulher madura, esposa do cantador Aniceto, que acompanhava, no cântico, os cantadores. Ao chegarem à parte sul da aldeia, os homens tomaram os *koyanoi* dos jovens e meninos. Os homens passam então a desfilar na frente seguidos dos cantadores com *Krampéi*, vindo em seguida os *Pembkahëk*; aos lados e atrás dos *Pembkahëk*, mais como espectadores do que como participantes, vinham as mulheres. A procissão tinha saído às 17 horas da casa de Patrício, a oeste, e somente meia hora depois chegou ao centro da aldeia, penetrando na praça por um caminho do leste. Ao chegarem ao pátio, Antoninho cantou e os *Pembkahëk* o seguiram dando uma volta pelo pátio equivalente a uma semi-circunferência. A seguir Basílio começou a cantar, com um maracá, estando as mulheres na posição de costume, como costumam entoar os cânticos de todos os dias, e os *Pembkahëk*, dançaram como os rapazes costumam fazer nos dias comuns.

Estava assim terminado o ritual de *Pembkahëk*.

Na praça Pedro *Penõ*, o chefe da aldeia, Esteves, um dos mais importantes membros dos *Katamyé*, e Lourenço, um dos “prefeitos”, entregaram o que tinham recolhido durante a cerimônia final, sobretudo peças de pano, fazendo quase todas as dádivas aos visitantes da aldeia. É preciso ressaltar que as dádivas oferecidas ao povo por aqueles que estão em evidência no rito nem sempre passam pelas mãos dos “prefeitos” da aldeia; qualquer um que se anteceda ao “prefeito” ao tomá-las, pode ficar com elas. Assim, por exemplo, quando os *Pembkahëk*, na cerimônia final, tomavam o caminho da praça, uma mulher colocou um colar de miçangas no pescoço de um dos rapazes, que foi imediatamente tomado por outra. Nessa mesma ocasião vimos Antoninho, que tem direito a fazer o papel de *Me?ken*, desfilar com um pano velho e rasgado à cabeça e uma cabaça dependurada, como se fossem ofertas.

3b) 2ª modalidade: *Pembkahëk Katu?ti*

Nunca assistimos a esta modalidade do rito, mas temos dele uma descrição que nos foi dada por José Aurélio, que vamos resumir.

Uma vez resolvido que se vai realizar este rito, os homens se dividem nas metades *Krókrók* e *Yuyui* (Muruim, Muriçoca). A casa dos primeiros é uma casa da aldeia situada na parte oeste, enquanto a dos segundos, uma situada na parte sul.

No dia seguinte, no pátio, os homens ficam andando em roda, qualquer homem pertencente ao grupo dos *Txon* (Urubu), grupo pertencente à metade *Khöirumpekëtxë*, sai para pegar os meninos da aldeia. Esses meninos e jovens são todos aqueles indivíduos do sexo masculino ainda sem filhos. O pegador captura também duas moças, que serão associadas aos *Pembkahëk* (as *Pembkahëk-kahãi*). Os meninos e jovens são levados ao pátio e o *padré* da aldeia lhes dirige a palavra anunciando que vão ficar dentro d'água (em sentido figurado) para se formar, ficarem gordos. Uma casinha é feita para os *Pembkahëk* fora da aldeia, ao sul. Os *Krókrók* escolhem duas moças associadas e os *Yuyui* apenas uma. Ainda no mesmo dia todos vão caçar. Os *Pembkahëk* vão junto com os *Krókrók*, enquanto os *Yuyui* vão separados. Combinam um lugar de encontro de modo que possam voltar reunidos e entrarem todos juntos na aldeia. Os animais que matam são entregues às mães das moças associadas. No ato da entrega da carne, comem algum alimento oferecido pelas casas das moças associadas e dispersam. A carne deve ser utilizada pelas mães dessas moças associadas

para fazerem paparutos que serão consumidos no dia seguinte pelos respectivos grupos a que elas estão unidas. Cada metade vai para sua casa e também os *Pembkahëk* vão para a casa deles, aonde suas mães lhes levam a comida. Nesse dia os *Krókrók* mandam os *Pembkahëk* fazerem toras grandes de buriti. Cada metade ordena a suas moças associadas apanharem pau-de-leite para seus membros se pintarem. Os *Pembkahëk* não se pintam e nem cortam os cabelos, durante todo o rito. Os *Pembkahëk* fazem também *arape* de embira de buriti. Os membros das metades permanecem nas casas das mesmas. De tarde eles saem para ir buscar as toras. Os *Pembkahëk* maiores correm do lado dos *Krókrók*, contra os *Yuyui*. A metade que conseguir ficar na dianteira joga sua tora diante de sua própria casa, de modo que a metade vencida deva jogar a sua diante da mesma casa. Os *Pembkahëk* não entram com as toras na aldeia: ajudam aos *Krókrók* apenas até a sua periferia.

Depois da corrida, cada metade canta em sua casa. Os *Pembkahëk* permanecem na sua, quietos, sem brincar. Os *Yuyui* saem dançando, mas os *Krókrók* ficam dentro de casa. Três *Krókrók* passam no meio dos *Yuyui* e cada vez que o fazem os *Yuyui* se espantam. Quando chegam na parte oeste da aldeia (isto é, perto da casa dos *Krókrók*), os *Yuyui* correm, completando a volta em torno da aldeia e entram em sua casa. Os *Krókrók* correm atrás deles. Terminada essa parte, se as metades quiserem, podem ainda correr com toras, ou com flechas, ou mesmo sem nada. De noite os *Pembkahëk* cantam no pátio e depois vão embora deitar-se em sua casa.

No outro dia de tarde, os *Pembkahëk* saem à rua e qualquer mulher que queira ganhar esteira dá de comer a um deles. Todos os dias de tarde os *Pembkahëk* saem, desfilam pela rua, e cada mulher dá sempre alimento ao mesmo *Pembkahëk*. Os parentes de cada *Pembkahëk* vão preparar uma esteira para ele oferecer à mulher que lhe dá alimento. Tal esteira (*katu?ti*) é como as esteiras utilizadas pelos *craôs* para forrar os jiraus de dormir. No entanto, ela é dupla: tem o dobro da largura das comuns, sendo dobrada ao meio e cosida no sentido da altura, de modo que possa esconder dentro dela uma pessoa. Sobre a esteira são feitos desenhos representando peixes, emas, pessoas atirando com espingardas, pessoas brigando etc. A tinta usada para fazer essas pinturas não é o urucu, mas uma substância denominada *përekramho*. Todos os dias os *Pembkahëk* passam cobertos com a esteira *katu?ti* para receber alimento e ninguém os ver.

A moça associada aos *Yuyui* tem enfeite de penas de arara. As associadas aos *Krókrók* só têm seus enfeites no fim do rito. Todos os *Krókrók* têm enfeites de rabo de arara na cabeça.

O ritual cai então num período de latência em que teoricamente a dança dos *Yuyui* espantados pelos *Krókrók* realizada depois da corrida de toras e o desfile dos *Pembkahëk* para receberem alimento se repetem todos os dias.

O *padré* diz aos habitantes da aldeia que é chegado o tempo de terminar o rito. Manda todos fazerem cordinhas de tucum, com o que se confeccionarão *arape* que substituirão os feitos com palha de buriti, usados até então. Acabada a confecção dos *arape*, o *padré* manda que todos ponham mandioca de molho, que se cortem as bananas, que em cada casa se faça o necessário para o encerramento do rito. Estando tudo pronto, manda que saiam para a caçada. As metades partem separadas; os *Pembkahëk* podem ir caçar junto com os *Krókrók* ou sozinhos. Cada grupo retorna assim que tem carne para dar às mães de suas moças associadas.

De noite os *Krókrók* cantam. Os paparutos estão assando. Os *Yuyui* não cantam. Os *Yuyui* ficam no pátio e fazem uma fogueira com buriti seco. Avançam com fogo contra os *Krókrók*, mas os “amigos formais” destes os defendem. Esses assaltos dos *Yuyui* ocorrem várias vezes até o fim da noite. Ao amanhecer os paparutos são tirados de debaixo das pedras onde tinham sido assados. Os *Krókrók* saem dançando pela rua da aldeia. Os parentes dos membros dessa metade derramam-lhes água nas costas. Os *Yuyui* saem para encontrar os *Krókrók* na casa destes. Comem-se os paparutos feitos nas casas das moças associadas aos *Krókrók* e aos *Yuyui*. O paparuto das moças associadas aos *Pembkahëk* será feito na noite seguinte.

À tarde as mulheres fazem muito alimento. Os *Pembkahëk* saem escondidos dentro de suas esteiras (*katu?ti*) para recebê-los. Cada mulher entrega o alimento ao rapaz ou menino a quem tem o costume de dar comida e lhe retira a esteira, ficando com ela.

Nesta noite os *Pembkahëk* cantam, passando todo o tempo sem dormir. Os “amigos” e “amigas formais” (*hōpin* e *hōpintxwöi*) dos mesmos ganham deles varas chamadas *kokai'këre* para cantar no lugar dos meninos que dormem. Há também os cortadores de cabelo, que tiram mechas da cabeleira de todos, menos dos *Pembkahëk*. Estes estão com seus cabelos cortados, pois as mulheres já fizeram o corte na hora em que se confeccionavam os *kokai'këre*. Durante o cântico, à noite, as mães das moças associadas e dos *Krārikate* oferecem alimento aos *Pembkahëk*. As mães dos *Pembkahëk* oferecem alimentos a seus “amigos” e “amigas formais”. Há então comida demais, a ponto de ser desperdiçada.

Ao amanhecer, os *Pembkahëk* são levados para o ribeirão, onde se banham. Em seguida são levados para o pátio e daí para uma casa da aldeia situada na parte leste. São os grupos pertencentes às metades *Khöirumpekëtxë* e *Harārumpekëtxë* que emplumam cada qual os meninos e rapazes que lhe são membros. Os *Yuyui* e os *Krókrók* emplumam suas moças associadas.

Quando os *Pembkahëk* estão emplumados, os *Krókrók* vão ficar em sua casa e os *Yuyui* se dirigem ao pátio. Os *Yuyui* vão encontrar com os *Pembkahëk*, mas indivíduos que não são craôs presentes na aldeia afastam-nos para o pátio. No pátio há um jirau feito pela mãe da pessoa que deverá espantar os *Yuyui*. Junto ao jirau há uma casa de arapuá, somente para assustar o povo. O espantador dos *Yuyui* tem um dente de paca na mão, que chega perto do paparuto que está no pátio e grita: “Éeeeeeee!” Então desce do jirau e reparte o paparuto entre as pessoas que não pertencem a aldeia.

Os parentes dos *Pembkahëk* ajuntam alimento, como paparutos, inhames, bananas, mamões, ananases, enfim, de tudo. Os *Txīpruré* (Andorinhas) saem com pequeninas cuias, dão de beber ao cantador, que está no pátio com um maracá, e depois lhe penduram as cuias no pescoço. Os *Me?ken* ficam com galhos na mão para surrar os “amigos” e “amigas formais” dos *Pembkahëk*. Os *Pembkahëk* levam alimento para o pátio, ajudados pelos seus “amigos” e “amigas formais”. E fazem um montão de alimentos no pátio. Esse alimento deve ser repartido entre os visitantes da aldeia.

Os *Pembkahëk* voltam para sua casa. Seus amigos e amigas formais ficam diante da casa com bastões *kokaikëre* para defendê-los do assalto dos *Yuyui*. Também indivíduos não craôs defendem os *Pembkahëk*. Os *Yuyui* chegam até à linha de defesa da casa.

Os *Pembkahëk* então saem e são levados para o pátio. Outrora só os *Krārikate* eram levados nos ombros de seus parentes. Atualmente todos os *Pembkahëk* são levados aos ombros para o pátio. As moças associadas às metades também são levadas nos ombros. No pátio cantam em roda.

Os jovens e meninos se espalham. Ainda há o alimento para os “amigos” e “amigas formais” dos *Pembkahëk* e dos *Krókrók*; não para os “amigos” e “amigas formais” dos *Yuyui*. Tornam a reunir alimentos no pátio. Cantam na praça apenas os “amigos” e “amigas formais” dos *Pembkahëk* e dos *Krókrók*.

Os meninos e rapazes tornam a se reunir na casa onde foram emplumados, saem com um cantador e vão dançando pela rua circular da aldeia, tentando matar animais domésticos. No dia seguinte de manhã há a corrida de toras chamadas *Pembkahëkyöpĩ*, disputada pelos *Krókrók* e *Pembkahëk* de um lado contra os *Yuyui* do outro. O animal doméstico morto é comido no mesmo dia perto das toras, quando vão correr as metades *Khöikateye* e *Harākataye*. Alguém deve pagar o preço deste animal a seu dono: pode ser o chefe de uma dessas metades ou um dos *Krārikate*.

3c) 3ª modalidade: *Pembkahëk Patxetigré*

O termo *Patxetigré* significa “pulseira de embira de cachimbeiro”. Não sabemos dizer se essa modalidade de ritual de *Pembkahëk* é a mesma que se costuma denominar de *Araperé*, termo que corresponde às cordinhas que usam cruzadas sobre o peito e sobre as costas. Em outubro de 1963, passando alguns dias na aldeia de Boa União, percebemos que estávamos justamente num período de latência do ritual *Pembkahëk Araperé*. O ritual tinha começado em janeiro de 1963 e deveria terminar em julho de 1964. Segundo Ambrosinho, chefe e *padré* da aldeia, o rito que então realizava não era aquele que observáramos na aldeia do Posto no ano de 1962 e que já descrevemos como *Pembkahëk Hōpintohōtxire*; também não era o ritual em que se faziam as esteiras *Katu?ti*, que acabamos de descrever. Como os informantes geralmente dizem que há três modalidades de rito de *Pembkahëk*, é possível que a modalidade *Araperé*, realizada então na aldeia de Boa União, seja a mesma chamada *Patxetigré*, cuja descrição nos foi dada pelo informante José Aurélio.

Ainda com relação ao rito que se desenvolvia na aldeia de Boa União, foi-nos dito que a casa dos membros da metade *Krókrók* ficava a leste da aldeia, enquanto a da metade *Hëk* era uma que ficava na parte oeste. Ora, na modalidade *Patxetigré*, que vamos descrever, a posição das casas é a mesma. No dia 10 de outubro de 1963, na aldeia de Boa União, presenciamos uma cerimônia pertencente ao ritual do *Pembkahëk Araperé*. Às quatro horas e meia da tarde os corredores, divididos em *Hëk* e *Krókrók*, chegaram à aldeia, trazendo toras cortadas pelos *Pembkahëk*. Vinte minutos depois os *Hëk* estavam colocados na praça da aldeia. Os *Krókrók* iam até o pátio, cantavam e dançavam com os *Hëk* e retornavam. Pelas cinco e meia da tarde os *Pembkahëk* saíram em fila pela rua circular da aldeia para receber alimento. Apenas dez rapazes constituíam a fila. Suas mães lhes entregavam o alimento à medida que passavam. Às dezenove horas, Ambrosinho, chefe e *padré* da aldeia, fez com que os *Pembkahëk* se sentassem em círculo no pátio. Seus “amigos formais” (*hōpin*) formaram um outro círculo envolvendo o primeiro; um terceiro círculo, constituído por membros da metade *Hëk* envolvia os dois primeiros. Os *Krókrók* cantavam no pátio na sua parte leste, voltados para oeste. Um membro da metade *Wakmēye* cantava a leste e um membro da metade *Katamyé* a oeste. Ainda havia o cortador de cabelos. O *padré* nos

informou que não era todas as noites que realizavam a cerimônia, mas uma vez ou outra até que chegasse o tempo de encerrar o rito.

Resumiremos agora a descrição da modalidade *Patxetigré*, como nos foi descrita. Quando se resolve fazer este rito, quem quiser entrar para a metade *Hëk* faz uma roda e ficam girando. Aqueles que querem ser *Krókrók* ficam de pé. Os *Hëk* são do leste e os *Krókrók* do oeste. Mas o informante cita as casas dessas metades como ocupando as direções justamente opostas. Qualquer indivíduo que pertença ao grupo *Txon* (urubu) vai reunir os meninos e jovens. São *Pembkahëk* todos os indivíduos do sexo masculino sem filhos. Ele pega também dois jovens para serem *Krārikate* e duas moças para se associarem aos *Pembkahëk* (*Pembkahëk-kahāi*). Quando amanhece, o *padré* manda cada metade procurar suas moças associadas, sendo uma para os *Hëk* e duas para os *Krókrók*. Os *Hëk*, os *Krókrók* e os *Pembkahëk* saem para caçar separados. Quando retornam com a carne, juntos ou separados, entregam-na para as mães das moças associadas. Estas fazem *paparutos* e, no dia seguinte, cada grupo vai comer na casa de suas moças associadas. Os *Hëk* e os *Krókrók* mandam suas moças associadas tirarem pau-de-leite para se pintarem. Os *Pembkahëk* não. Os *Pembkahëk* vão cortar toras de corrida. De tarde as metades se retiram da aldeia para ir buscar as duas toras. Retornam correndo com elas. Se os *Krókrók* chegam na frente, param a corrida numa casa da parte leste da aldeia; se os *Hëk* estão na frente, deixam cair a tora numa da casa da parte oeste. Os *Pembkahëk* maiores correm junto dos *Krókrók*. Os *Pembkahëk* não têm casa. Quando ouve o ruído da corrida de toras que se aproxima da aldeia, a moça associada aos *Hëk* leva uma cuia de água bem limpa ao pátio, onde os membros de ambas as metades bebem. Os *Krókrók* se reúnem na rua da aldeia, dirigem-se ao pátio e dançam em redor da água. Os *Hëk* ficam no pátio, enquanto os *Krókrók* vão para a casa deles. A moça associada aos *Hëk* também vai para a casa dela.

De tarde os *Pembkahëk* se reúnem em qualquer moita fora da aldeia. Daí saem para desfilar pela rua da aldeia, quando suas mães lhes oferecem alimento. Na frente vai um *Krārikate* seguido de uma moça associada, depois outro *Krārikate* e a seguir outra moça associada. As mães não dão o alimento a seus próprios filhos, mas cada participante do desfile recebe alimento da mãe de outro. Na hora de comer o alimento recolhido, as moças associadas formam um grupo, os *Krārikate* outro e os demais *Pembkahëk* são também separados em graus de idade. Os *Pembkahëk* comem atrás de uma casa situada a oeste da aldeia.

Assim, todos os dias há a corrida de toras, todos os dias a moça associada aos *Hëk* leva água ao pátio, todos os dias os *Pembkahëk* dão a volta pela aldeia para receberem alimento. O rito cai assim num período de latência. Provavelmente essas cerimônias não são realizadas todos os dias, como diz o informante, mas de vez em quando. É preciso lembrar também que, durante esse período de latência, o rito pode ser interrompido por outros, sejam os sazonais, sejam os de curta duração.

Quando se cansam do rito, é chegado o tempo de encerrá-lo. Todos saem para a caçada. Os *Pembkahëk* vão junto com os *Krókrók*, e os *Hëk* vão separados. Os animais mortos são destinados às moças associadas. Cada grupo entrega a carne às mães delas. Os *Krókrók* e os *Pembkahëk* também guardam carne para fazer *paparutos* para seus “amigos formais” (*hōpin*). O resto cada homem entrega a sua própria esposa. Há ainda dois meninos que são considerados filhos de *Krókrók* e suas mães recebem carne também. Manda-se que as mães dos *Pembkahëk* e dos *Krókrók* preparem alimento para os “amigos formais” de seus filhos.

Enquanto elas providenciam esses alimentos, os *Pembkahëk* vão confeccionar os *kokai'krëre* e os *awarewuru*. Eles têm seus cabelos cortados no mesmo lugar onde estão confeccionando esses bastões e mastros.

Quando os corredores chegam com as toras de tarde e dançam ao redor da água no pátio, os *awarewuru* já estão preparados. Os *awarewuru* são fincados na periferia da aldeia, em quatro pontos, tal como acontece na primeira modalidade do rito de *Pembkahëk*. As mães dos *Pembkahëk* vão buscar folhas de *pephëkakoho* (*pephë* = formiga, da mesma espécie daquela que entrou na orelha do herói mítico *Turkrë*; *kako* = suco; *ho* = folha). Pelas quatro horas da tarde todos se reúnem no pátio. Os *Pembkahëk* saem para receber alimento. Recebem o alimento e vão se esconder. Os *Me?ken* correm atrás deles. Eles abandonam os alimentos e correm para o mato. Depois se escondem em qualquer casa. De noite um dos “prefeitos” vai procurá-los. E os leva para o pátio. Os *Pembkahëk* cantam então junto com os *Hëk*, e os *Krókrók* cantam separados. Cantam toda a noite. À noite sai alimento para os *Pembkahëk*. São as mães das moças a eles associadas e as mães dos *Krārikate* que fazem a refeição. Sai também alimento para os “amigos formais” dos *Pembkahëk*; quem o faz são as mães destes. Trata-se de uma grande quantidade de alimento. Após comerem continuam a cantar.

Quando amanhece, param de cantar. Levam então os *Pembkahëk* para se banharem no ribeirão. As mechas de cabelo cortado à noite, pertencentes aos “amigos formais” dos *Pembkahëk*, ficam dependuradas no *awarewuru*.

Os *Pembkahëk* são então emplumados no pátio, cada um pelo grupo incluído na metade *Khöirumpekëtxë* ou *Harārumpekëtxë* a que pertença. Depois os *Pembkahëk* são levados para uma casa situada na parte leste da aldeia.

Os *Krókrók* saem andando na rua da aldeia e seus parentes lhes molham o corpo. Atrás deles vão seus amigos formais, recebendo alimento. Param na casa dos *Hëk* a oeste. Em seguida os *Krókrók* se misturam aos *Hëk* na praça. Vão todos juntos até onde estão os *Pembkahëk*, na casa de leste, e param. Trazem-nos para o pátio. Atualmente os *Pembkahëk* são levados nos ombros. No pátio cantam. Depois os *Pembkahëk* se espalham por suas casas maternas; seus “amigos formais” os acompanham. As mães dos *Pembkahëk* molham os corpos de seus “amigos formais” à porta da casa; depois lhes dão alimento preparado ou massa de mandioca crua. Tornam a reunir-se no pátio e a cantar.

No encerramento do rito estão colocadas, no caminho que vai do pátio à casa de oeste, isto é, a casa dos *Hëk*, duas casas de marimbondo para serem quebradas. Quando os *Pembkahëk* penetram no pátio, dois “amigos formais” dos *Pembkahëk* que tenham coragem quebram as casas de marimbondo (uma delas é de marimbondo sorrão, chamado pelos índios de *khṛātik*, isto é, “cabeça preta”; a outra é de marimbondo *kōrēti*, que dizem ter a parte traseira vermelha). Tiram as casas de marimbondos e correm com elas para o pátio, onde são quebradas. Todos os outros levam galhos para matarem os marimbondos.

4 – *Khetwaye*

Atualmente os craôs realizam três modalidades diferentes do rito do *Khetwaye*: uma dita pertencente aos Kenpokateye, isto é, os habitantes das aldeias do Posto e de Boa União e das aldeias que dessas se destacaram, quais sejam, a de Pedra Branca e a de Abóbora; outra que se diz pertencer aos Mākrare, isto é, os habitantes da aldeia de Serrinha; e uma terceira

aprendida com os índios apaniecrás, da aldeia de Porquinhos, no Maranhão. Nunca chegamos assistir nenhuma das modalidades, mas temos a descrição das duas primeiras, que vamos resumir. Em fevereiro de 1967, quando passamos pela aldeia de Boa União, aí se realizava um ritual de *Khetwaye*, que estava em seu período de latência. Tinha começado em dezembro e deveria terminar em maio. Era realizado à maneira dos apaniecrás. Todas as três modalidades desse ritual sempre se realizam durante a estação chuvosa.

4a) 1ª modalidade: *Khetwaye* dos *Kenpokateye*

Os meninos e jovens são conduzidos para duas casas da aldeia. Os pertencentes à metade *Khöirumpekëtxë* a uma casa da parte leste da aldeia; os pertencentes a metade *Harãrumpekëtxë*, a uma casa do oeste. Em cada uma dessas casas, a metade que a ocupa está dividida em seus subgrupos. Os homens de cada um desses subgrupos cortam um círculo na cabeleira dos meninos e jovens pertencentes a seu próprio subgrupo, tal como a tonsura que faziam os padres católicos. Só não se faz o círculo nas cabeleiras daqueles que sejam demasiado pequenos, os recém-nascidos. Os meninos e jovens participantes, todos aqueles que ainda não têm filhos, tal como no rito de *Pembkahëk*, devem ficar morando nas duas casas e suas mães lhes levam de comer. Entretanto, atualmente, eles não seguem mais essas prescrições e os meninos e jovens andam fora das casas. Outrora, quando isso acontecia, eles apanhavam. Os membros do grupo *Txon* é que tomavam conta dos reclusos.

Após terem os cabelos cortados, os jovens participantes ficam sabendo que se vai fazer o rito do *Khetwaye*. Neste mesmo dia os membros do grupo *Autxet* cortam as toras de corrida. Na hora de correr com elas, os homens levam consigo os *Krãrikate*, isto é, os dois chefes dos jovens reclusos, sendo um da metade *Khöikateye* e outro da *Harãkateye*. Tomam mais outros jovens, levam também, e, fora da aldeia., junto das toras, dançam. Terminada a dança, correm com as toras para a aldeia. Correm divididos em *Khöirumpekëtxë* e *Harãrumpekëtxë*. A metade que chegar na frente deixa cair a tora diante da casa onde estão os jovens a ela pertencentes. Um membro do grupo *Txon* leva os jovens para o pátio. Divide-os pelas metades *Khöirumpekëtxë* e *Harãrumpekëtxë*. Eles dançam dirigidos pelo *padré*.

No segundo dia, são os *Txon* que cortam toras. No terceiro dia, são os *Kupë*. Neste dia um membro dos *Txon* escolhe duas mocinhas, uma para cada metade.

No outro dia, são os membros do grupo *Khedré* que devem cortar toras. Ao invés de cortarem duas toras, como fazem os demais grupos, uma para cada metade, os *Khedré* cortam seis: são realizadas três corridas simultâneas, cada uma com um par de toras. Uma delas é realizada pelos *Txó* contra os *Pã*; outra, pelos *Hëk* contra os *Autxet* unidos aos poucos *Krë* existentes; a terceira, pelos *Khedré* unidos aos *Kupë* contra os *Txon*. O fato de haver grupos que correm na medida de dois contra um decorre do quase desaparecimento do grupo *Krë* (que entre os craôs atuais só conta com três membros), o que os levou a se unirem aos *Autxet*. Antes do grupo *Krë* ser aniquilado, era assim que corriam os grupos: *Txó* contra *Pã*; *Hëk* contra *Autxet*; *Khedré* contra *Txon*; *Kupë* contra *Krë*. Os rivais pertenciam, pois a grupos de metades opostas (como ainda ocorre hoje), sendo os mesmos que se defrontavam na praça.

Após essas corridas, no dia seguinte, cortam as toras os *Hëk*; no outro dia os *Txó* e depois os *Pã*. Esses grupos cortam, cada um apenas uma tora para cada metade. Em resumo, a ordem dos grupos, segundo os dias em que devem cortar toras é a seguinte:

- 1º dia - *Autxet*
- 2º dia - *Txon*
- 3º dia - *Krẽ*
- 4º dia - *Kupẽ*
- 5º dia - *Khedré*
- 6º dia - *Hëk*
- 7º dia - *Txó*
- 8º dia - *Pã*

Depois que os *Pã* cortam toras, volta a ser a vez dos *Autxet* cortarem, reiniciando o ciclo. Todos os dias, depois da corrida de toras, dançam no pátio. Quando desejam, os habitantes da aldeia chamam os meninos para “brincarem” no pátio de noite, fazendo-os retornar depois para a casa. O rito cai, pois, em seu período de latência. Após uns cinco ciclos como esse, outrora se tratava do encerramento.

A primeira providência para o encerramento do ritual é preparar o alimento necessário: pôr as bananas para amadurecer, pôr a mandioca de molho para fazer puba ou para fazer paparuto de massa. Os homens devem ir caçar. Vão divididos nos diversos grupos constituintes das metades *Khöirumpekëtxë* e *Harãrumpekëtxë*. As mulheres ficam na aldeia fazendo alimento. Cada caçador entrega carne para a mãe do menino a quem deu nome. A mãe do menino retribui com alimento preparado. Os caçadores vão então comer o que receberam divididos em grupos, na praça. Se sobra alguma coisa, levam para a casa, para as esposas. A carne que foi entregue pelo caçador deve ser utilizada na confecção do paparuto do menino ou rapaz a quem deu nome.

Os paparutos são preparados. Quando terminados, os *Kupẽ* cortam duas toras ocas, para as metades *Khöirumpekëtxë* e *Harãrumpekëtxë* correrem: são o “vapor” do *Kupẽ*. Depois da corrida cantam. Os meninos são trazidos. Os pais dos *Krãrikate* têm cada um uma esteira preparada para seu filho sentar e cantar no pátio. Corta-se folha de um vegetal, chamada *pephëkakoho* (tem o cheiro do formigão chamado *pephë*). A mãe de cada *Krãrikate* faz dois paparutos para dar aos jovens. Os jovens, quando retornam às casas, tornam a ser chamados a cantar no pátio, em duas filas, uma de cada metade, dirigidos pelo cantador.

De tarde os meninos e jovens entoam três cânticos. Quando se levantam, os “prefeitos” os levam todos para a casa do oeste. Fazem duas filas e ganham pedaços de paparuto. Mas eles não os comem porque faz mal. Voltam para as duas casas a eles destinadas. Os homens cantam a noite inteira no pátio, andando de um lado para o outro. De madrugada vão buscar os meninos; cada grupo constituinte das metades *Khöirumpekëtxë* e *Harãrumpekëtxë* apanha seus meninos para emplumá-los. Não o fazem todos de uma vez. Os *Hëk* são os primeiros, emplumando seus jovens membros de madrugada. A partir do amanhecer, os vários grupos se dirigem um de cada vez, para fora da aldeia, cada qual com seus jovens, na seguinte ordem: *Autxet*, *Txó*, *Pã*, *Kupẽ*, *Txon*, *Hëk*, *Krẽ*, *Khedré*. Desses grupos, os *Hëk* não levam os jovens, pois estes ficam esperando, emplumados no pátio. Os que vão por último, os *Khedré*, espantam os demais grupos. Todos fogem para a aldeia, sendo que os jovens são levados aos ombros, inclusive os *Krãrikate*, se cansarem. Não se trata de uma corrida de toras. No pátio da aldeia os esperam as duas moças associadas, com duas cuias grandes de água de *pephëkakoho*. Cada um que chega lava o rosto nessa água. O informante não sabe dizer

porque se lava o rosto nesse momento; afirma que talvez seja devido ao cansaço. Então cada grupo empluma seus jovens membros. Dançam no pátio. As mães dos jovens colocam fios de algodão nas cabeças deles. Os jovens então se dirigem às suas casas maternas de onde trazem os paparutos para serem repartidos. Cada grupo consome seus próprios paparutos.

Parece que essa corrida para a aldeia, realizada pelos jovens, é precedida de um treinamento fora da aldeia: os *Krārikate* correm atrás deles. No ponto final da corrida lavam o rosto com água de *pephēkakoho* oferecida pelas moças associadas.

Os jovens e as moças associadas se reúnem então numa casa situada a leste. Vão buscar um cantor e uma cantora. E saem todos juntos cantando diante de cada casa da aldeia. Se encontrarem no caminho alguma galinha ou porco doméstico, matam o animal. Este deve ser consumido antes de uma corrida de toras. Tendo caminhado mais ou menos metade da rua circular da aldeia, dirigem-se ao pátio. Dançam no pátio e consideram-se dispensados os jovens, que agora podem andar livremente pela aldeia.

Os jovens então se dividem nas metades *Khōikateye* e *Harākatete* e cortam duas toras grandes. Assam e comem o animal que mataram na rua da aldeia. Chegam os demais membros das metades e correm com as toras. As mulheres participam se quiserem; os jovens maiores também correm. À tarde se reúnem para resolverem sobre quem deve indenizar o proprietário do animal que mataram: se o “prefeito”, se o pai de um dos *Krārikate*, se o pai do matador.

4b) 2ª modalidade: *Khetwaye* dos *Mākrare*

Esta modalidade é muito semelhante à que se acabou de descrever. Começa em outubro e deve terminar em março. Uma vez resolvido que vai ser realizada, os *Autxet* cortam toras grandes. Antes de começar a corrida, um membro qualquer dos *Txon* pega dois rapazes para serem os *Krārikate*. A corrida se faz então com os índios divididos entre as metades *Khōirumpekētḡ* e *Harārumpekētḡ*. Antes de começarem a correr, gritam batendo com as mãos na boca. Ao chegarem à aldeia, gritam do mesmo modo. Em seguida, um dos *Txon* vai capturar o restante dos jovens. Os *Krārikate* ficam no pátio. Cantam com os jovens capturados. Os jovens devem ficar presos: uns numa casa do leste e outros numa do oeste. De tarde o cantor canta com as mulheres e em seguida são pegos os jovens e meninos que ainda estão faltando. Se não conseguirem pegar todos, fazem-no de madrugada. Os jovens e meninos não trabalham durante o período do rito. Entretanto, em caso de necessidade, como, por exemplo, para o plantio do arroz, são chamados a ajudar. Dois velhos, um em cada casa, contam histórias para eles.

As toras são cortadas cada dia por um grupo diferente, tal como na modalidade anterior. A ordem é a mesma. *Khedré* corta muitas toras; os *Hēk*, por sua vez, não cortam nenhuma. Uma vez que todos os grupos tenham cortado toras, o ciclo recomeça novamente. As mães dão de comer aos seus filhos nas casas. O rito cai assim no seu período de latência.

Para encerrar o rito se começa com os preparativos dos alimentos necessários. Bananas são postas a amadurecer, a mandioca é posta de molho. Prepara-se massa de mandioca que os homens consumirão durante a caçada. Combina-se que lugares procurará cada grupo para caçar; combina-se também o dia em que todos deverão retornar à aldeia. Os jovens maiores acompanham o seu grupo durante a caçada. As mulheres ficam trabalhando, preparando alimentos para o dia de chegada. Se algum dos grupos consegue matar logo um animal, volta

para a aldeia, dança com os seus jovens que ficaram e entrega a carne às mães dos jovens pertencentes ao grupo. As mães retribuem com alimento preparado, como feijão, fava, arroz, batata, banana madura e todos vão comer no pátio. Os homens levam o que sobra dessa refeição para suas próprias mulheres. Cada grupo que vai chegando faz a mesma coisa.

Quando todos os grupos já regressaram da caçada, as mulheres vão buscar pau-de-leite para pintura, lenha e folha de banana brava para embrulhar os paparutos. Manda-se convidar os moradores das outras aldeias. Quando todos os visitantes tiverem chegado, preparam-se os paparutos e se os põe para assar. Nesse mesmo dia sai um cantador à rua, que deve ser alguém que porta o nome pessoal *Kro'kroko*, com um maracá na mão e outro indivíduo com um cesto às costas. Este último dá as costas para cada casa diante da qual estaciona, e os habitantes colocam no cesto algum alimento: um pedaço de carne, um bolo de massa, um beiju ou bananas. O informante não sabe o que se faz com os alimentos assim recolhidos.

Nesse dia os jovens são levados para o mato, armando-se uma barraca de palha de najá para cada um dos grupos no pátio. As jovens levam enfeites de penas de arara. Fazem-nos correr do mato para a aldeia, onde são esperados pelas moças associadas com água de *pephëkakoho* para molhar o rosto dos que chegam. Passam o dia no pátio e também a noite, até o dia seguinte. No pátio mesmo comem. A mãe de *wĩĩ* lhes leva de comer.

Os *Kupê* é que cortam tora no dia de fazer os paparutos. Enquanto correm as toras, os meninos ficam nas suas casas. Os meninos são espetados, têm seus narizes esfregados com excrementos, seus flancos arranhados com dente de peixe, suas bocas esfregadas com pimentas, são batidos com galhos folhudos, quando estão no pátio.

De tarde cantam e dançam com os jovens. Depois vão para suas duas casas. Tornam a serem chamados e dançam pela última vez.

De madrugada os meninos devem ser emplumados. Seus pais fazem esteiras para que eles fiquem sobre elas durante a emplumação. Cada grupo empluma seus jovens. Os *Hëk* fazem-no primeiro, cerca de meia-noite. Em seguida os grupos saem da aldeia na seguinte ordem: *Autxet*, *Txó*, *Pã*, *Kupê*, *Txon*, *Hëk*, *Krê* e *Khedré*. Este último chega ao local onde os demais grupos estão reunidos, quando os meninos já estão aí cantando. Duas pequenas toras são cortadas para os *Krārikate*. O *padré* toma o *Krārikate* dos *Khöikateye* pelo braço e fá-lo andar de um lado para o outro. Quando acaba de andar, o *Krārikate* joga sua torinha no chão. O mesmo é feito em seguida com o *Krārikate* dos *Harākatete*.

Todos então correm para a aldeia. No pátio estão as moças associadas com água de *pephëkakoho*, com a qual se lavam os rostos de todos os jovens e meninos participantes. Os homens adultos não lavam o rosto. Durante a corrida para a aldeia, se algum menino se cansa, é carregado pelos adultos.

Os homens pegam nos braços dos jovens e meninos e fazem fila. Nesse momento suas mães colocam rolos de fio de algodão em suas cabeças. Um homem que tem de ter o nome *Atorkó*, recolhe os fios de algodão. Os jovens e meninos dançam. Depois se dirigem para suas casas. Os fios de algodão recolhidos são dados de presente aos visitantes.

Cada grupo recebe paparutos e vai comer no pátio, repartindo entre seus membros. E se dispersam.

Os meninos e jovens se reúnem novamente. Entram na casa de leste. Tomam um cantador com seu maracá e uma cantadora e vão cantando diante da porta de cada casa,

andando metade do caminho circular da aldeia. Vão ao mesmo tempo procurando algum animal doméstico que possam matar. Dirigem-se para o pátio e terminam a dança.

Então repartem-se nas metades *Khöikateye* e *Harākatete*. Uma dessas metades deve cortar toras (disse o informante que é a metade à que pertencem os meninos iniciandos). A metade que corta as toras consome, no mesmo local onde se iniciará a corrida, o animal que mataram na rua da aldeia. A corrida se inicia, terminando diante da casa de *wīī*.

De tarde cada menino leva alimento ao seu próprio grupo.

No final do rito há também a corrida de tora cortada pelos membros do grupo *Hëk*. Trata-se de um tronco, com os galhos e tudo, que os *Hëk* vêm arrastando para a aldeia. Os membros dos outros grupos vão encontrá-los, apanham o tronco e levam-no para o pátio.

5 – Conclusão

Não é possível dar uma interpretação total de todos os ritos descritos, assim como um livro de liturgia católica explica o significado de cada palavra, de cada gesto, de cada paramento, de cada posição do oficiante da missa. Os dados de que dispomos não nos permitem fazê-lo. O máximo que podemos fazer é tecer algumas considerações muito gerais sobre os ritos de iniciação descritos.

Em primeiro lugar deve-se notar o grande número de ritos de iniciação. Não somente três ritos diferentes, mas também várias modalidades de cada rito. Não obstante a variedade de ritos e de suas modalidades, já não constituem mais ritos de iniciação: cada indivíduo pode passar mais de uma vez pelo mesmo rito. O que talvez marque uma passagem fundamental na vida do indivíduo seja o nascimento do primeiro filho, uma vez que, a partir daí, o homem não mais precisa de ficar recluso no rito de *Pembkahëk* ou de *Khetwaye*, ao mesmo tempo que solidifica seu casamento, tornando-o mais estável.

Todos os três ritos implicam em reclusão, mas parece que apenas no antigo *Ikhéré* os iniciandos ficavam efetivamente separados do resto da comunidade. Nos outros a reclusão é mais simbólica do que real, os iniciandos ficam presos somente nos momentos mais importantes do período de abertura e no de encerramento do rito. Embora as informações digam que eles devem ficar todo o tempo reclusos, na verdade os jovens e meninos andam à vontade por toda a aldeia e fora dela; simplesmente deixam de cortar o cabelo e de usarem a pintura corporal, o que em si já é suficiente para indicar que estão colocados numa categoria diferente dos demais habitantes da aldeia.

Em todos os ritos os iniciandos têm dois chefes e também duas moças associadas. No rito de *Pembkahëk* ainda existe um terceiro chefe que encerra a fila dos iniciandos quando estes desfilam. A presença de apenas duas moças deixa bem marcado que a iniciação entre os craôs interessa somente aos indivíduos do sexo masculino.

É muito difícil dizer porque tão variado número de ritos de iniciação entre os craôs. Muito provavelmente o ritual de iniciação por excelência seria o chamado *Ikhéré*, hoje desaparecido. Corresponde ao chamado ritual de *Pembye* dos Canelas. Distingue-se dos demais por ser a reclusão individual, ou quase individual, uma vez que em cada casa havia um quarto fechado para prender os jovens daquela residência. Quanto aos ritos de *Pembkahëk*, como o próprio nome indica, seria uma imitação, uma réplica menos importante do ritual de *Ikhéré* (*Pembye*), uma vez que o significado da partícula *kahëk* é “pseudo”,

“falso” “quase”. A variedade de modalidades de ritos de *Pembkahëk* correria por conta da difusão de outros Timbira, atualmente existentes ou não. Já se falou, no capítulo II, dos grupos Timbira que tiveram e nos que até hoje têm contacto mais ou menos íntimo com os craôs. O *Khetwaye* poderia ser uma duplicação do rito do *Pembkahëk*. Este seria realizado na estação seca e aquele na chuvosa. No caso do *Khetwaye* está claro que duas de suas modalidades pertencem a segmentos diversos do grupo tribal craô, segmentos esses que hoje mal se distinguem. Uma das modalidades de *Khetwaye*, que não descrevemos, foi manifestamente adotada dos Canelas, bem como uma modalidade de *Ikhréré*. Em suma, a presença de tanta variedade só poderia explicada por dados históricos que, como sói acontecer com os grupos do interesse tradicional da Etnologia, faltam completamente.

Em cada um desses rituais tem papel fundamental um par de metades diferentes. No *Ikhréré* participam as metades *Khöikateye* e *Harākatete*, isto é, aquelas que englobam as classes de idade. No *Pembkahëk* participam as metades *Hëk* (ou *Pentxi* ou *Yuyui*) e *Krókrók*. No *Khetwaye*, as metades *Khöirumpekëtxë* e *Harārumpekëtxë*. Em nenhum dos rituais, entretanto, funciona exclusivamente um par de metades.

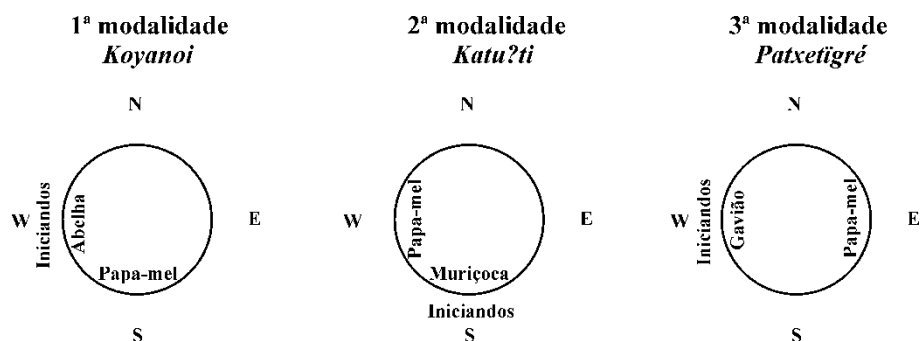
Há uma série de elementos comuns a estes ritos, sobretudo ao *Pembkahëk* e ao *Khetwaye*: a segregação dos iniciandos efetuada por um membro do grupo *Txon* (Urubu), a incapacidade dos *Hëk* (seja a metade deste nome ou suas correspondentes *Pentxi* e *Yuyui* nas modalidades de *Pembkahëk*, seja o grupo também deste nome pertencente à metade *Harārumpekëtxë*, que atua no *Khetwaye*) de cortarem tora: nunca cortam toras, a não ser talvez na 1ª modalidade de *Khetwaye*; na 2ª modalidade, a tora que cortam é rústica, grotesca, pois nem a desbastam dos galhos; e é uma só, não duas, como é o normal; os iniciandos são sempre os indivíduos do sexo masculino desde os recentemente nascidos até os rapazes sem filhos; a possibilidade de cada indivíduo repetir como iniciando várias vezes o mesmo rito; etc.

O rito do *Pembkahëk* se distingue por enfatizar a presença de três ao invés de dois grupos maiores participantes. Além das metades *Hëk* (ou *Pentxi*, ou *Yuyui*) e *Krókrók*, participa também do rito o grupo dos iniciandos. É claro que no *Khetwaye* a participação dos iniciandos é fundamental; mas eles, apesar da nítida segregação, estão distribuídos em ambas as metades participantes. No cerimonial do *Pembkahëk*, os iniciandos formam um terceiro grupo aliado a uma das metades, mas sem confundir-se com ela.

Quanto ao significado desses ritos, da perspectiva do próprio sistema simbólico indígena, muito pouco se pode adiantar. Talvez o único que permite a construção de um esboço de um sistema coerente é o rito de *Pembkahëk*. Este rito está explicitamente ligado ao mito de *Tirkrë*, homem que presenciou sua realização no alto dos céus pelas aves. Explica a origem do rito: diz como os índios aprenderam a fazer o rito. Mas o significado só pode ser descoberto através de vias indiretas pelo esforço do investigador, se houver pistas no material disponível. E o mito oferece tais pistas.

No caso do rito do *Pembkahëk*, é possível apontar certas pistas, sem que se possa entretanto, dar uma interpretação completa. É um homem do grupo Urubu (*Txon*) que segrega no início do ritual os meninos e jovens, do mesmo modo que são os urubus que levam *Turkrën* aos céus, segundo a narrativa mítica. Uma das metades participantes do ritual se chama *Papamel* (*Krókrók*), nome de um animal terrestre. A metade oposta pode se chamar *Gavião* (*Hëk*), *Abelha* (*Pentxi*) ou *Muriçoca* (*Yuyui*), segundo a modalidade do ritual, e que são todos

animais aéreos. Se podemos comparar a segregação dos jovens e meninos à subida de *Turkrén* aos céus, torna-se difícil explicar o motivo por que os iniciandos não são aliados à metade que tem nome de animal aéreo, mas sim à metade que tem nome de animal terrestre. Esta aliança é nítida no rito, uma vez que os iniciandos ajudam os membros da metade Papa-mel a carregar sua tora e têm por rivais os membros da metade Gavião (ou Abelha, ou Muriçoca). A posição das casas das metades e do local em que se costumam reunir os iniciandos para comer em cada modalidade de rito de *Pembkahëk* é a seguinte (o círculo representa a periferia da aldeia):



Os esquemas deixam perceber que, em todas as modalidades, é aquela metade denominada pelo termo de um animal alado, que não sabe cortar toras e rival dos iniciandos, a que fica situada entre estes e a aldeia. A metade aliada dos iniciandos, denominada Papa-mel, está sempre situada longe deles. Que poderia significar isso? O fato dos membros da metade denominada por animal alado não poderem cortar tora faz com que representem um outro povo, uma vez que uma característica explícita dos craôs, reconhecida por eles, é cortar e correr com toras. Além disso, em todas as três modalidades desse rito há sempre uma ou mais casas de marimbondo, sendo que na segunda modalidade descrita trata-se de uma casa de abelha arapuá. Ora, a associação desses marimbondos e dessas abelhas reais com a metade denominada de Gavião (*Hëk*), Abelha (*Pentxi*) ou Muriçoca (*Yuyui*) é evidente: trata-se de animais aéreos e agressivos. Ao mesmo tempo, os marimbondos, pelo menos na primeira modalidade de rito de *Pembkahëk*, são comparados aos inimigos da aldeia, uma vez que, no momento em que o *Tómhëk* (Sapo) convida os habitantes da aldeia para quebrar a casa de marimbondos sorrão, diz que são três aldeias que se juntaram e que é preciso brigar com elas. A identificação entre os marimbondos e as abelhas reais com aquelas metades que representam animais aéreos ainda se torna mais evidente quando se nota que são os Papaméis que cantam uma noite inteira voltados na direção da casa de marimbondos que vai ser quebrada (1ª modalidade); que na 2ª modalidade as casas de arapuá ficam no centro do pátio, local onde cantam os Muriçocas (*Yuyui*); que na terceira modalidade as casas de marimbondo são colocadas no caminho que liga o pátio à casa dos Gaviões (*Hëk*). A metade que tem nomes de animais aéreos, por conseguinte, representa o inimigo da aldeia. Na primeira e na terceira modalidade, a destruição do inimigo, representada pela quebra da casa de marimbondos, é condição para a integração final dos iniciandos na aldeia, representada pela sua condução ao pátio com os corpos emplumados. Na primeira modalidade, depois de destruída a casa de marimbondos, isto é, uma vez vencidos os inimigos, as duas metades se unem, isto é, a aldeia inteira, para atacar a casa dos iniciandos, que assim se transformam

momentaneamente no inimigo, invertendo-se o esquema do rito: as duas metades ficam contra os iniciandos.

Convém notar ainda que o fato dos iniciandos estarem isolados de seus aliados, os Papa-méis, pela metade que representa o inimigo, constitui a transposição para o contexto do espaço de um princípio que já foi formulado com relação ao tempo: de fato, assim como em determinadas sociedades se nota a solidariedade entre gerações alternadas, entre classes de idade alternadas ou entre irmãos alternados, no rito de *Pembkahëk* se notaria a presença da solidariedade entre grupos dispostos em espaços alternados. Esse princípio também vigora no que diz respeito às relações interétnicas, na distinção que os craôs fazem entre os civilizados que moram longe deles e os que moram perto, considerando os primeiros como solidários e os segundos como hostis (vide Melatti, 1967, pp. 131-132).

Em suma, a metade *Hëk* seria mais uma barreira que separa os jovens iniciandos da aldeia: só depois que os *Krókrók* vencem ou neutralizam os *Hëk* é que se dá a reintegração dos iniciandos à vida da aldeia. Tudo se passa como se, tendo os jovens sido retirados da aldeia pelos *Txon* (urubus), fiquem retidos fora dela pelos *Hëk* (Gaviões) até que, uma vez vencidos estes, possam retornar à aldeia. Isso lembra o mito de *Turkrén*: picado por uma formiga, animal terrestre, recebe a solidariedade dos animais aéreos; é levado aos céus pelos urubus, é alimentado pelos Gaviões; quando volta à terra, para castigar a esposa e seu amante transforma-se em formiga. Há, porém, uma diferença: *Tirkrë*, ao voltar à terra, não é impedido pelos gaviões. A hostilidade entre iniciandos e gaviões está mais de acordo com o mito de *Akrei* e *Kengunã*, que aliás é reconhecido como origem do rito de iniciação *Ikhréré*.

No que diz respeito ao rito de *Khetwaye*, os únicos símbolos cujo significado está mais ou menos evidente são: o fato dos iniciandos serem recrutados por um membro do grupo Urubu (*Txon*), tal como no rito de *Pembkahëk*, sendo os urubus que conduziram *Turkrén* aos céus; o outro é o uso de uma infusão de folhas de *pephëkakoho* para lavar o rosto dos iniciandos, sendo *pephë* a espécie de formiga que picou a orelha de *Tirkrë*, desencadeando o desenvolvimento do mito: sua picada é que faz *Tirkrë* ser abandonado e ser levado para os céus, isto é, entrar em reclusão, afastando-se do convívio dos outros membros de sua aldeia. No rito se dá ao contrário: o *pephëkakoho* (suco da folha da formiga *pephë*) é utilizado quando os iniciandos retornam à aldeia. Mas esta inversão se explica: o oferecimento de água entre os craôs, para beber e para refrescar o corpo, é um sinal de solidariedade, um ato efetuado por parentes consanguíneos. A infusão de *pephëkakoho* pode ser identificada com a formiga *pephë*. Se a volta dos iniciandos à aldeia pode ser comparada com a descida de *Turkrén* à terra, com o restabelecimento do contacto com os seres terrestres, então é compreensível que os iniciandos sejam recebidos com sinais de solidariedade associados com a formiga *pephë*.

Por outro lado, ainda não nos é possível perceber o significado dos nomes de animais atribuídos a cada grupo em que estão divididas as metades *Khöirumpekëtxë* e *Harãrumpekëtxë*.

[Tabela inicial](#)

[Lista dos capítulos](#)